

A construção das identidades de alunos em uma escola pública de Pacaraima em contexto de mobilidade geográfica e lingüística na fronteira Brasil/Venezuela

Ancelma Barbosa Pereira – PG/UFRJ

1. Introdução

Embora alguns estudos já tenham sido desenvolvidos na área do contato linguístico português-espanhol, em situações geopolíticas de fronteiras com países hispânicos, principalmente no que diz respeito à educação bilíngüe ou multilíngüe, pouco se tem produzido¹ na região Norte, mais especificamente no estado de Roraima, onde a situação de contato de línguas é constante nas escolas públicas devido a o estado fazer fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa, além de contar com a presença de muitas línguas indígenas².

O estudo da língua tem muito a lucrar com abordagens que consideram os falantes ativos não como nômades isolados, mas como participantes numa rede socialmente definida de relacionamentos, que são reais pelo fato de os laços sociais que os mantêm unidos serem concretos (RAJAGOPALAN, 2002). Essa concepção de língua relacionada ao uso social, ou seja, às necessidades coletivas de uma comunidade, também é compartilhada por Pagliarini Cox e Assis-Peterson (2007), à luz da sociolingüística laboviana, que entendem a língua como um sistema heterogêneo, como “... um mosaico, um compósito de normas que se correlacionam probabilisticamente a fatores sociais.” (p. 39).

Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa se desenvolve numa escola pública do município de Pacaraima-RR, que tem por limite ao norte com Santa Elena de Uairén (doravante Santa Elena), município da República da Venezuela e tem como objetivo investigar, a partir de narrativas orais de alunos brasileiros do ensino médio,

¹ Evódia de Souza Braz, em 2010, defende dissertação de mestrado pela Unicamp intitulada “Línguas e Identidades em Contexto de Fronteira Brasil / Venezuela”; e ainda: AMORIM, J. S. El fenómeno portuñol practicado por comerciantes brasileños en el área de frontera Brasil – Venezuela: un estudio macro sociolingüístico. Norte Científico, Boa Vista, v.2, n.1, jan./dez. 2007.

² Yanomamis, Ingaricó, Macuxi, Patamona, Taurepang, Waimiri-Atroari, Wai-Wai e Wapixan.

como suas identidades são construídas em contexto de mobilidade geográfica e lingüística e busca ainda compreender como as diversas representações das línguas, português e espanhol, interagem na construção dessas identidades.

2. Contexto de fronteira

O município de Pacaraima está localizado em uma área indígena denominada Raposa Serra do Sol, isso gerou certa insegurança nos moradores que viviam ali por causa de determinadas restrições. Destaca-se que a ameaça da demarcação dessa área³, hoje confirmada, aliada a demissão em 2004 de muitos funcionários estaduais não concursados, provocou praticamente a extinção da venda de casas, e conseqüentemente, o encarecimento do aluguel, motivando muitas famílias brasileiras a optarem por moradias em Santa Elena. (BRAZ, 2004)

Atualmente, com a definição legal em relação à demarcação de terras indígenas e a permanência do município, Pacaraima tem crescido em população, mas muitas situações ainda se mantêm, como exemplo, o encarecimento de aluguéis e a falta de fonte de renda financeira, assim a opção de brasileiros em residirem em Santa Elena se dá por motivos profissionais e econômicos.

Apesar da distância de aproximadamente 15 km entre Pacaraima e Santa Elena existe um fluxo muito grande entre as duas cidades e, em conseqüência, uma convivência marcada por conflitos sócio-culturais e econômicos na fronteira. Por exemplo, um dos jornais impressos de maior circulação no estado publicou uma notícia⁴ sobre a iniciativa da Câmara de Produção e Comércio do Município de Gran Sabana (VE) de desenvolver estratégias para melhorar o relacionamento entre os turistas brasileiros e os militares venezuelanos, com o objetivo de fortalecer a integração entre os dois municípios. Chama à atenção a declaração proferida pela presidente da Câmara no antepenúltimo parágrafo do jornal: *“Queremos acabar com esse estigma de que os venezuelanos sejam apenas pessoas más, que maltratam os turistas ou que somente estão ali para cobrarem propinas.”* Esta notícia é indício

³ Homologação da demarcação contínua da Raposa Serra do Sol pelo Supremo Tribunal Federal em março de 2009.

⁴ Notícia publica no jornal “Folha de Boa Vista”, em 27 de maio de 2010.

de que a forma como um grupo vê o outro é conflituosa e complexa, principalmente, o status de um povo com relação ao outro.

O cenário educacional em Pacaraima é composto por alunos brasileiros, filhos de brasileiros; venezuelanos, filhos de hispano-falantes; ou mesmo, filhos de brasileiros e hispano-falantes, residentes em Santa Elena ou em Pacaraima. Segundo depoimentos dos alunos, a opção por estudarem no município de Pacaraima se dá por considerarem melhor o ensino das escolas brasileiras que das escolas venezuelanas. Ante esse contexto e apoiada na concepção de Cavalcanti (1999) de que se numa determinada comunidade são faladas mais de uma língua e/ou mais de uma variação lingüística podemos considerá-la como um cenário sociolinguisticamente complexo: assim, também definimos o cenário onde se desenvolve essa pesquisa.

3. Considerações teóricas

A língua por si só gera grandes discussões quanto à sua definição, já que é freqüente ter-se em conta uma relatividade no que diz respeito ao seu conceito. Atualmente, muitos estudiosos, principalmente na área da sociolingüística, têm enfatizado a sua função enquanto elemento constitutivo da identidade de um indivíduo e da sua comunidade. Além disso, segundo afirma Guisan (2009), há a necessidade de averiguar os elementos que direcionam essas línguas na elaboração de mitos sobre os quais se embasariam as identidades coletivas. Para o autor (op. cit., p. 18) “(...) o Outro preenche um papel essencial na definição da identidade do próprio sujeito (...) a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua já que é considerada como elemento de identidade coletiva”.

A discussão ao entorno da língua está além dos conflitos sobre a concepção de língua como faculdade humana ou da sua diversidade nas realizações do mundo. Trata-se principalmente do mito de uma língua unificada estabelecido pelos processos políticos e ideológicos construídos a partir do surgimento das nações européias e, em seguida, americanas. Esse mito de língua unificada contribui para a formação do sentimento de identidade nacional questionado por Berenblum (2003) quanto à sua essência de natureza humana onde “nada há de natural na identidade

nacional, ela se constrói historicamente e adquire determinados sentidos ao longo das próprias histórias das nações.” (op. cit., p.32)

No que diz respeito aos processos de criação desse sentimento, ao contrário do que se pensa hoje, os acontecimentos históricos apontam que a função identitária das línguas nem sempre é o fator de coesão para as comunidades humanas, assim, afirma Guisan (2009) que “essas línguas sob o pretexto do seu valor como alicerce de identidade, serviram muito mais para separar do que para unir: tais são os fatores históricos, apesar de todos os belos discursos dos tempos modernos” (op. cit., p.83). A diversidade lingüística que existia em pequenos povos, até a época do Renascimento, não era motivo de conflitos e divisões, porém com a criação das línguas oficiais e, conseqüentemente, da demarcação dos territórios onde essas línguas eram faladas surgiram os Estados Nacionais e com eles a necessidade de caracterizar uma língua unificada - embora essa não fosse a característica de um determinado povo, território ou estado nacional – como instrumento de opressão na história do nacionalismo e do colonialismo.

O processo descrito por Berenblum (2003) da criação histórico-política do sentimento de identidade nacional, assim como das línguas nacionais como símbolo de nacionalidade no surgimento das nações européias e americanas, é um exemplo histórico concreto que ajuda a compreender as ambigüidades que circulam a definição de língua na formação de identidade enquanto dimensão ideológica. Segundo a autora, apesar de que no período colonial algumas diferenças se destacam nos modelos lusitanos e hispânicos ambos estados nacionais se assemelham “na afirmação de uma soberania territorial, e a “nacionalização” e homogeneização da cultura, realizada principalmente através da escola” (op. cit., p.77), resultando, em relação à questão das línguas nacionais, em uma defesa constante de um purismo lingüístico que se manifesta ao longo da história da construção de ambas as nações.

Esta discussão sobre homogeneização e nacionalização também está bem caracterizada na concepção de Cavalcanti (2007) a respeito da língua portuguesa enquanto língua histórica no Brasil, ao constatar que existe uma tensão entre os interesses de uma nação homogênea e os interesses das sociedades minoritárias, que convivem sobre o mesmo território “O país mantém interna e externamente o mito de nação monolíngüe, tornando, assim, invisíveis suas minorias lingüísticas e

socioculturais” (op. cit., p. 50). Neste contexto é que, segundo a autora, “(...) se instala o prestígio de determinada norma da língua portuguesa e o apagamento das línguas nacionais minoritárias” (op. cit., 50).

A partir do fenômeno da globalização, a sociedade se distancia do modelo clássico e sociológico de um sistema bem delimitado. Esse é substituído por uma perspectiva que se centra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço, segundo Hall (2006). Assim, no que diz respeito à identidade, o autor aborda essa questão a partir do argumento construído em torno das velhas identidades que estabilizaram o mundo social, mas que estão em decadência, e o aparecimento de novas identidades fragmentadas, em consequência da chamada “crise de identidade” entendida como sendo parte de um processo mais amplo de mudança, que está “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (op. cit., p. 1). Para o Hall (op.cit.), o indivíduo pós-moderno, não mais compreendido como um ser unificado, está cada vez mais fragmentado, constituído por identidades estabelecidas através da negociação que se dá nas interações sociais. Bauman (2005) também compartilha dessa perspectiva ao considerar que o mundo em nossa volta está “repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fragmentadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.” (op. cit., p.18) esse momento vivido atualmente é denominado pelo autor como era “líquido-moderna”.

Para entender melhor o processo de construção da identidade, podemos organizá-la dicotomicamente em duas perspectivas: a) essencialista, que vê o deslocamento do indivíduo tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si próprio, até então idealizado como ser integrado, como sendo uma perda para a sociedade e conseqüentemente uma crise nas identidades; b) não essencialista, perspectiva orientada por concepções da pós-modernidade, que relativiza a noção de identidade fixa e de pessoa humana como sujeito totalmente centralizado.

Segundo Woodward (2000), as identidades são construídas por meio da marcação da diferença, sendo esta veiculada tanto pelos sistemas simbólicos de representação quanto por meio de forma de exclusão. Esta diferença simbólica e social é estabelecida através dos sistemas classificatórios que “aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em ao

menos dois grupos opostos” (op. cit., p. 40), ou seja, como afirma a autora, “dão ordem à vida social”. Assim, a marcação da diferença distingue uma identidade da outra, na forma de oposições, tornando-se componente indispensável nos sistemas de classificação.

4. Exacerbação e cancelamento da fronteira

O *corpus* incipiente da pesquisa é composto por narrativas orais de alunos brasileiros com no mínimo três anos de residência no município de Santa Elena, estudantes da 1º e 2º série do ensino médio em uma escola de Pacaraima e filhos de pais brasileiros ou pelo menos pai ou mãe brasileira.

Identificação	Sexo	Idade	Tempo de residência no exterior	Nacionalidade dos informantes	Nacionalidade dos responsáveis.
Inf.1	F	16	05 anos	Brasileira e venezuelana	Pai brasileiro e mãe venezuelana
Inf.2	F	16	05 anos	Brasileira	Pais brasileiros
Inf.3	M	17	16 anos	Brasileiro	Padrasto venezuelano e mãe brasileira
Inf.4	M	15	03 anos	Brasileiro	Pais brasileiros
Inf.5	F	16	03 anos	Brasileira	Pai brasileiro e madrasta venezuelana

A análise que segue está concentrada em marcas linguísticas extraídas de alguns fragmentos das narrativas dos informantes que foram selecionados e organizados considerando dois pontos para a discussão: exacerbação e cancelamento da fronteira.

(01) Inf.1: tem alguns que são assim ignorante mesmo... agente chega falando em português eles querem corrigir “não” aí eles falam assim (...) “Usted está en Venezuela *tiene que hablar español*” aí agente pega e fica assim “sim mas eu *sou brasileira* eu não sei falar em espanhol eu vou falar no português...”

(02) Inf.3: (...) eu fui comprar arroz cheguei e fui falar assim “boa tarde tem arroz?... aí aí virou (o vendedor) pra mim e falou assim “aRRoz”... aí eu falei assim “eu sou brasileira com muito orgulho e é arroz... tem?” (...)

Nos excertos (01) e (02) a estratégia que caracteriza a exacerbação da fronteira é marcada pela produção e compreensão linguística dos personagens que

compõe as narrativas. Por exemplo, no excerto (01) a Inf.1 relata a exigência que venezuelanos fazem para que os brasileiros falem em espanhol e a desaprovação do brasileiro frente a essa atitude. Essa postura é melhor visualizada em um episódio no comércio de Santa Elena, vivido e narrado pela Inf.3 no excerto (02), onde a disputa pela variante da palavra arroz, ou seja mesma marca gráfica para diferentes marcas acústicas, ilustra a vontade dos brasileiros e dos venezuelanos em ignorar a compreensão entre ambos apenas para reafirmar a identidade de ser brasileiro e de ser venezuelano. Essa situação se opõe em outro momento, nas narrativas dos alunos, ao fato dos venezuelanos entenderem a língua portuguesa – “*não pode falar português... mas já entende*” – e dos brasileiros tentarem falar o espanhol quando estão em Santa Elena – “*não falam... mas eles tentam falar... a maioria*”. Portanto, ressalta-se o papel da língua como elemento de afirmação e construção da identidade numa perspectiva arbitrária de exacerbação e cancelamento da fronteira.

(03) Inf.2: Só que aí tem que ver que a gente está no país alheio... A gente critica... Claro tudo bem... A gente vê que isso está errado... mas *a gente está no país alheio...*

(04) Inf.5: (inint.) Mas tem que ver também (inint.) por exemplo o meu pai tem vinte anos de Venezuela... Aí né... Ele já tem a identidade como residente daí... E tem um filho venezuelano ou seja ele já *tem um pouco de direito na Venezuela...*

Nos excertos acima, o modo de situar-se localmente caracteriza-se como outra estratégia de cancelamento e exacerbação da fronteira. No excerto (03), a Inf.2 expõe o não pertencimento ao “país alheio” como um elemento complicador no julgamento da cobrança de propina a brasileiros. Neste sentido, o lugar onde o brasileiro reside é o lugar do outro, onde não se tem o direito a reivindicações. Contrariamente, no excerto (04), a Inf.5 reivindica o direito que o pai brasileiro tem ao território venezuelano devido ao fato de viver ali há muito tempo e ter filhos venezuelanos. Dessa relação podemos entender que há uma tendência em exacerbar a fronteira estabelecendo a diferença entre os venezuelanos e os brasileiros através do (não) pertencimento ao chamado “país alheio”, mas, ao mesmo tempo, há outra tendência, a de cancelamento dessa fronteira, que se caracteriza pela postura de reivindicação do território “alheio”.

5. Para concluir

Apesar desta pesquisa ainda estar em andamento, a análise aqui apresentada permite caracterizar duas atitudes opostas, exacerbação e cancelamento da fronteira, marcadas por estratégias de produção e compreensão linguística e de modo de situar-se localmente dos personagens envolvidos nas narrativas orais, que revelam um sujeito na fronteira Brasil/Venezuela composto por uma identidade flutuante, definida através da negociação que se dá nas interações sociais a partir da convivência, muitas vezes conflituosa, entre brasileiros e venezuelanos. Mas, é interessante ressaltar que nem todas as fronteiras são necessariamente um cenário de exacerbações, e que pode ser o caso de ninguém parecer se importar com a língua falada, tendo uma compreensão suficiente da outra. Neste sentido, nos questionamos até que ponto a língua é elemento definidor de identidade do indivíduo e de sua comunidade.

6. Referências

ASSIS-PETRESON, A. A. de e COX, M. I. P. Transculturalidade e Transglossia: Para compreender o fenômeno das fricções Linguístico-culturais em sociedade contemporânea sem nostalgia. Em: CAVALCANTI, M. C. e BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.) (2007): *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas – SP: Mercado de Letras.

BAUMAN, Zygmunt (2005): *Identidade*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zaha,

BERENBLUM, Andrea (2003): *A invenção da palavra oficial; identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização*. Belo Horizonte: Autêntica.

CAVALCANTI, M. C. e CÉSAR, A. L. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. Em: CAVALCANTI, Marilda C. e BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.) (2007). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas – SP: Mercado de Letras.

_____ (1999): Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. Delta, São Paulo, v. 15. N. spe. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4023.pdf>>. Acesso em: março de 2010.

BRAZ, Evódia de Sousa (2004): *O contato lingüístico em área de fronteira: Brasil-Venezuela o Português e o Espanhol nas Escolas de Pacaraima*. Boa Vista – RR. Monografia de especialização – Universidade Federal de Roraima.

GUISAN, Pierre François Georges. *Língua: a ambigüidade do conceito* (2009). Em: SAVEDRA, Mônica Barreto, SALGADO Ana Claudia Peters (orgs). *A Sociolinguística no Brasil; uma contribuição dos estudos sobre línguas em /de contato*. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro (2006): 11 ed. Rio de Janeiro – RJ: DP&A.

VOTRE, Sebastião Josué (2002). Linguagem, identidade, representação e imaginação. In: Ferreira, Lúcia M. A.; Orrico, Evelyn G. D. (orgs). *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: Fapej/ Uni-Rio.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (2000): *Identidade e Diferença*. Petrópolis – RJ: Vozes.